

HISTÓRIA DE VIDA E SEXUALIDADE

Isabella de Lima Cardoso (PIBIC-AF-IS/CNPq/FA/Uem), Murilo dos Santos Moscheta (Orientador), e-mail: ra119119@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Área: 70700001 - Psicologia / Sub-área: 70705003 - Psicologia Social

Palavras-chave: história de vida, população LGBT, abrigo.

Resumo:

Nesse trabalho, será narrada a história de vida de Paula Warmling: uma mulher trans que cresceu em Alto Paraná, se mudou para Maringá durante a fase adulta e se tornou uma líder espiritual, ativista LGBT e coordenadora do primeiro abrigo LGBT do Paraná, o Abrigo Casa de Missão Amor Gratuito. O objetivo do trabalho é apresentar a história de Paula e visibilizar narrativas de resistências às normas sexuais e de gênero. Para a realização do trabalho foram realizadas 4 entrevistas de história de vida. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente foi realizada a audição sequencial com registro de palavras chaves indicando os temas principais abordados. Por fim, a lista de temas foi transformada em narrativa que permitem a compreensão panorâmica da vida de Paula. No relato produzido destaca-se as experiências de Paula de como foi se descobrir uma mulher trans em meio a um ambiente extremamente religioso e conservador. A partir da história narrada, pode-se visualizar como Paula vive e resiste contra as normativas de gênero e sexualidade e como luta para que outras pessoas também possam resistir às normativas impostas que são instrumento de violência.

Introdução

Com a narração da história de vida de Paula Warmling, poderemos visualizar como se deu a construção de sua identidade, tanto como mulher trans, como de militante LGBT. Paula, ao se entender como uma mulher trans depois de um longo processo de questionamento e busca por informação sobre a população transexual e travesti, se viu em diferentes situações em que precisava ser acolhida e orientada, mas não teve isso até se mudar para Maringá e passar a frequentar uma igreja inclusiva. Ao perceber a realidade brasileira de como pessoas trans e demais membros da comunidade são vistos socialmente, ela se engajou na luta por direitos. É evidente que muitas pessoas LGBT no Brasil são vítimas de diferentes tipos de violência, e muitos não recebem acolhimento dentro de suas casas e famílias. Muitos, até precisam sobreviver em meio à precariedade, sem o acesso pleno aos direitos protegidos constitucionalmente, direitos estes que estão relacionados com o acesso à educação, trabalho, saúde, lazer, segurança, proteção e assistência. Se pensarmos essa realidade em pessoas LGBT que procuram certos abrigos, mesmo que essas pessoas tenham encontrado um local para viver, acabam não tendo a

possibilidade de ter seus direitos básicos respeitados plenamente (PATERNIANI, 2012; CORREIA; COELHO; SALLES, 2018). Paula relata que já acolheu várias pessoas que passaram por abrigos anteriores, e nesses abrigos sofreram diferentes tipos de discriminação, dentro de um local que deveria promover a dignidade e o acesso a políticas e serviços públicos. Por isso, Paula luta para que abrigos como o que ela coordena continuem existindo e acolhendo LGBTs em situação de vulnerabilidade, porque, nas palavras dela: “se eu não fizer a minha parte, quem vai fazer?”. E ainda, Paula carrega diversas vivências que serão compartilhadas, que nos ajudam a entender quais foram os caminhos que ela percorreu até se tornar uma figura de liderança, que busca promover o cuidado e acolhimento aos demais e resiste às transfobias.

Materiais e métodos

Com o objetivo de elaborar sentidos sobre a vida de Paula a respeito de como foi o processo até se entender como mulher trans e como se tornou militante e coordenadora do Abrigo Casa de Missão Amor Gratuito, a metodologia utilizada foi a entrevista de História de Vida, onde Paula narrou suas vivências em quatro entrevistas realizadas via *Google Meet*. Cada entrevista foi gravada e teve em média 2 horas de duração. Posteriormente as entrevistas foram escutadas e registradas em tópicos que serviram para a reconstrução narrativa apresentada nesse trabalho.

Resultados e Discussão

Através das entrevistas e da metodologia utilizada, Paula contou sua trajetória de vida desde a infância até o presente momento. Paula cresceu em Alto Paraná: uma cidade pequena, conservadora e muito religiosa. Na infância ela não teve muito contato com pessoas LGBT, somente ouviu falar de alguns homens gays e algumas mulheres lésbicas, e foi educada para acreditar que tais pessoas eram promíscuas e não iriam para o céu. Paula não sabia nem ao menos da existência de pessoas trans, e isso fez com que ela, por muito tempo, se sentisse confusa com si mesma e se sentisse “anormal”, porque sabia que não se encaixava nos padrões que a impuseram. Já em Maringá, Paula conheceu Célio, um homem gay e líder espiritual de uma igreja inclusiva, que foi importante para que Paula tivesse mais conhecimento sobre a pluralidade de subjetividades que compõem a comunidade. Com muito diálogo, pesquisa e cuidado consigo mesma, Paula compreendeu que era uma mulher transexual, e expôs isso ao mundo. Porém, se deparou com uma sociedade LGBTfóbica e, sobretudo, transfóbica. Paula percebeu que muitas pessoas LGBTs eram discriminadas ao ponto de não terem onde viverem, dormirem e comerem. Percebeu também que muitos buscavam apoio emocional e espiritual, mas não tinham onde recorrer. Com isso, Paula se engajou na luta por direitos da população LGBT, e juntamente com Célio, fundou o primeiro abrigo LGBT do Paraná, no qual luta até hoje para que ele permaneça aberto e acolhendo o máximo de pessoas possíveis.

Conclusões

Com base na história de Paula, podemos perceber como a atuação de militantes e abrigos direcionados à população LGBT agem em conjunto e estão interligados. De um lado, a militância faz-se de extrema importância para que a luta por direitos da população não seja esquecida ou ignorada, sobretudo de pessoas trans que muitas vezes são negligenciadas, seja em cartórios, hospitais, clínicas e outros. E de outro, é importante que haja abrigos LGBT, e que haja apoio para esses abrigos também, porque infelizmente existem locais em que pessoas LGBT buscam acolhimento e recebem um teto para ficar, porém, sofrem diversos tipos de discriminação por consequência do preconceito e do despreparo. Destaca-se no relato de Paula a dimensão formativa e educadora dos movimentos de militância que ao oferecerem apoio, podem também promover a politização necessária para a compreensão das lutas sociais. Nesse sentido, o movimento pessoal de Paula de se reconhecer e assumir-se como uma mulher trans é indissociável de seu engajamento na luta por direitos para uma comunidade de pessoas socialmente negligenciadas. Assim, não há uma divisão entre a dimensão pessoal e coletiva, mas ao contrário, a produção de si é atravessada e complementa-se na produção politizada de um coletivo.

Agradecimentos

Agradeço à Paula Warmling, que aceitou participar da realização deste projeto e se tornou uma das pessoas que mais admiro, tanto pela história, quanto pelas lutas que enfrenta em busca da promoção do cuidado, respeito e dignidade das pessoas LGBT. Agradeço também ao meu professor orientador, Murilo dos Santos Moscheta, pela paciência, cuidado, apoio e auxílio durante a realização do projeto de pesquisa. Ademais, agradeço a Fundação Araucária e a Universidade de Maringá por me proporcionarem a oportunidade de produzir esta pesquisa.

Referências

CORREIA, A.; COELHO, C.; SALLES, L. **Cidade interseccional**: o direito à cidade nas perspectivas de gênero e raça. Terra de direitos, 2018. Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/acervo/artigos/cidade-interseccional-o-direito-a-cidade-nas-perspectivas-de-genero-e-raca/22936>.

PATERNIANI, S. Z. Transitoriedade e permanência: histórias e desenrolares envolvendo a ocupação Mauá, no centro de São Paulo. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 28., 2-5 jul. 2012, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo, 2012.

WARMLING, P. O. **Entrevistas** [jan.-mar. 2022]. Entrevistadora: Isabella de Lima Cardoso. Maringá, 2022. 4 arquivos mp3 (540 min.). Entrevistas concedidas à realização do PIBIC-AF-IS/CNPq/FA/UEM.